

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO**

**NICOLE MASCARELLO PALAVRE**

**AUTISMO NA CRECHE: ENTRE O REAL E O IDEAL.**

**CAXIAS DO SUL  
2020**

**NICOLE MASCARELLO PALAVRE**

**AUTISMO NA CRECHE: ENTRE O REAL E O IDEAL.**

Trabalho monográfico apresentado como avaliação para a Graduação em Pedagogia na Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Backes Welter

**CAXIAS DO SUL**

**2020**

**NICOLE MASCARELLO PALAVRE**

**AUTISMO NA CRECHE: ENTRE O REAL E O IDEAL.**

Trabalho monográfico apresentado como  
avaliação para Graduação em Pedagogia  
na Universidade de Caxias do Sul.

Caxias do Sul, 14 de Julho de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Backes Welter – UCS

---

Avaliadora: Profa. Dra. Cineri Fachin Moraes – UCS

---

Avaliador: Prof. Dr. Delcio Antônio Agliardi – UCS

“Inclusão é sair das escolas dos diferentes e promover a escola das diferenças”. (Mantoan)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus e à minha família,  
pelo apoio diário, para que chegasse até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao longo da escrita da minha monografia e da realização do curso de Pedagogia, contei com a ajuda, paciência, apoio de incontáveis pessoas, que gostaria de expressar meu carinho e gratidão.

- Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde, força e coragem para superar todos os momentos difíceis durante a graduação.

- À professora Dra. Cristiane Backes Welter por ter aceitado ser minha orientadora nesta etapa fundamental, com muito apoio e paciência.

- Aos professores da banca Dra Cineri Fachin Moraes e Dr. Delcio Antônio Agliardi, por terem aceitado compor a banca, e de antemão, pelos comentários e sugestões que assessorarão neste estudo.

- Aos docentes do Curso de Pedagogia e à Universidade de Caxias do Sul, pelos ensinamentos e incentivos constantes.

- Aos meus pais Paulo e Nilce, por sempre estarem presentes em todos os momentos, e me darem forças para continuar, me incentivando constantemente a seguir meus sonhos.

- Ao meu esposo Victor, pelo amor, paciência, companheirismo, lealdade, e compreensão neste tempo de graduação. Sou imensamente grata por estar perto e junto de mim em todos os momentos, desde os mais felizes aos mais desafiadores. Obrigada por nunca ter desistido de me ajudar e estar sempre comigo.

- Aos meus amigos de trabalho da universidade e da vida, por todo o apoio e ajuda durante este período tão importante para mim. Em especial à minha cunhada Thalita, por estar comigo desde a etapa do curso normal e na graduação fazendo parte de muitas trocas de conhecimento e experiências.

É chegado o fim de um momento tão esperado, um ciclo de risadas, choro, felicidade e frustração. Sendo assim, dedico este trabalho e agradeço a todos que estiveram presentes de alguma forma, e que porventura tenha esquecido de mencionar.

## RESUMO

O principal objetivo da presente monografia é investigar quais as necessidades da criança com autismo na etapa creche ao realizar atividades propostas por professores sem o suporte pedagógico. A temática foi escolhida, tendo em vista que, atualmente, observa-se um crescimento das discussões sobre o Transtorno do Espectro Autista, afirmando-se que o mesmo demonstra sinais antes dos três anos de idade. Assim, pretende-se por meio de revisão bibliográfica e de um estudo de caso de pesquisa qualitativa desenvolvida em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Caxias do Sul, apontar o que é real (experiências vividas) e o que é ideal (proposição de experiências) para a criança com autismo. Analisando o processo de interação das mesmas, buscando ampliar o estado de conhecimento, são relatadas as características do autismo, do suporte pedagógico e da legislação vigente para a criança com Transtorno do Espectro Autista na etapa creche. Os principais resultados encontrados sinalizam que os suportes pedagógicos existentes (real) para o trabalho docente com a criança autista possam ser aplicados (ideal) para qualificar a educação oferecida a esse público infantil.

**Palavras-chaves:** Creche; Suporte Pedagógico; Transtorno do Espectro Autista.

## **LISTA DE SIGLAS**

ABRA - Associação Brasileira de Autismo

AEE - Atendimento Educacional Especializado

AMA - Associação de Amigos Autistas

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

PECS - Sistema de Comunicação por troca de figuras

PID - Plano de Desenvolvimento Individual

SEESP - Secretária de Educação Especial

TEA - Transtorno do Espectro Autista



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. ESTADO DO CONHECIMENTO.....</b>	<b>11</b>
<b>3. AUTISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 Autismo e o Suporte Pedagógico.....</b>	<b>22</b>
<b>3.2 Legislação da Educação Infantil e Autismo .....</b>	<b>26</b>
<b>3.3 Autismo entre a Interação e Inclusão.....</b>	<b>29</b>
<b>4. RESULTADO DA INVESTIGAÇÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>4.1 Contexto da Instituição Investigada.....</b>	<b>32</b>
<b>4.2 Etapa de Construção dos questionários .....</b>	<b>33</b>
<b>4.3 Categorias de Análise.....</b>	<b>33</b>
<b>4.4 Aprofundamento das Categorias de Análise.....</b>	<b>34</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DA COORDENAÇÃO .....</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DA FAMÍLIA.....</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICE C - QUADRO DAS RESPOSTAS DA COORDENAÇÃO.....</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICE D - QUADRO DAS RESPOSTAS DA FAMÍLIA .....</b>	<b>48</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A temática deste trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia têm como objetivo principal, identificar quais as necessidades das crianças com autismo na etapa creche durante a realização das atividades propostas por professores sem o suporte pedagógico. A temática foi escolhida, tendo em vista que nos dias atuais, há um número considerável de crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA inclusas em sala de aula da Educação Infantil. Essa realidade implica em dificuldades no espaço da creche para a criança autista e seus colegas, quando não há um suporte pedagógico, como monitores no cotidiano escolar.

Outro motivo para a escolha do tema, foi o desejo de compreender como o pedagogo poderá encontrar amparo legal e teórico, para lidar com situações corriqueiras em que a criança com TEA necessita de auxílio, pois os estudos ainda são bem recentes. Então, esta pesquisa, poderá auxiliar acadêmicos e profissionais da Educação que tiverem interesse no assunto.

Durante minha experiência como docente em uma Escola de Educação Infantil Municipal, sendo professora de um menino autista, encontro algumas dificuldades significativas na rotina diária escolar. Acredito que esta pesquisa sanará algumas dúvidas e anseios.

Enfatizo os autores principais desta pesquisa como: a pedagoga Dalsotto (2019), pois proponho a continuidade de sua pesquisa sobre o tema do autismo na Base de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior-CAPES; Gustavo Teixeira (2019) e Margareth Diniz (2012) que destacam estudos e pesquisas sobre o assunto do Transtorno do Espectro Autista e Inclusão. Também Maria Carmem Silveira Barbosa (2006), que mostra a importância da rotina escolar para todas as crianças, o que qualifica a educação oferecida ao Autista que encontra na rotina uma possibilidade de estabilizar consequências do TEA.

Esta pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica e um estudo de caso, a partir do referencial teórico de Robert Yin (2001), desenvolvido em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Caxias do Sul, visando a importância da inclusão de uma criança com TEA em ambiente escolar cognitivo e social. Tal proposta será apresentada nessa monografia com a divisão em três capítulos, os quais serão explicados a seguir.

O segundo capítulo procura retomar parte de dados da Pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso de graduação em Pedagogia de uma acadêmica da Universidade de Caxias do Sul em 2018, e ampliar a pesquisa incluindo dados produzidos no ano de 2019, dando sequência aos mesmos, através de uma pesquisa bibliográfica no Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

O terceiro capítulo ressalta como as crianças que têm o TEA, encontram no suporte pedagógico apoio que essas crianças precisam ter e, algumas vezes não têm. Para isso, interpreta-se a legislação vigente voltada para crianças com Autismo elencando indicativos do suporte pedagógico necessário (ideal) para a prática docente qualificada à educação do TEA.

O quarto capítulo apresenta o estudo de caso realizado, por meio de um questionário com profissionais de uma Escola Municipal de Educação Infantil de Caxias do Sul e com familiares de uma criança com autismo que frequenta a mesma, sendo que a análise foi dividida em categorias para ampliar a compreensão da mesma e responder ao questionamento sobre os suportes pedagógicos reais (existentes).

Por fim, nas considerações finais, reforça-se a importância de diferentes suportes pedagógicos na aprendizagem, tanto para as crianças com TEA quanto para os professores, porque é fato: a educação de qualidade é direito de todos (ideal), e o docente precisa estar munido da diversidade de suportes pedagógicos (real) como monitores e materiais para garantir seu direito de exercer a docência para todos.

## 2. ESTADO DO CONHECIMENTO

Foi necessário ampliar o estudo sobre a temática do Transtorno do Espectro Autista, conhecendo pesquisas, investigações e publicações realizados com a mesma. A busca iniciou-se com a retomada do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da aluna Dalsotto, realizada na Universidade de Caxias do Sul do ano de 2019. A mesma fez uma pesquisa no Banco de Dados e Teses e Dissertação da CAPES, observando dados e produções em 2018 com os descritores “autismo” e “inclusão”. Sua pesquisa obteve vinte e seis resultados, sendo sete sobre o Autismo, como segue nos dados abaixo:

Quadro 1 – Autismo em publicações da Capes em 2018

Título	Ano	Autor	Instituição	Nível
Olhares e saberes educacionais da Associação dos Amigos da Criança Autista - AUMA: limites e possibilidades em uma perspectiva interdisciplinar	2018	Eliana Rodrigues Boralli Mota	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Dissertação
Desenvolvimento e aprendizagem de alunos com autismo em sala de aula	2018	Monalisa de Oliveira Miranda Redmerski	Universidade Católica de Brasília	Dissertação
Falando com bebês: da detecção de sinais de risco para Autismo à intervenção precoce	2018	Odila Maria Ferreira de Carvalho Mansur	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Tese
Inclusão Escolar de Educandos com Transtorno do Espectro do Autismo na Educação Infantil do Município de Lages - SC	2018	Rosymeri Bittencourt dos Reis	Universidade do Planalto Catarinense	Dissertação
Habilidades Sociais de Crianças com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) que Frequentam o	2018	Joao Rakson Angelim da Silva	Universidade Federal do Amazonas	Dissertação

Atendimento Educacional Especializado (AEE)				
As Vivências de Pessoas Adultas com Transtorno do Espectro Autista na Relação com a Escolaridade e Concepções de Mundo.	2018	Ivanise Gomes de Souza Bittencourt	Universidade Federal de Alagoas	Tese
Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista: um Estudo em Contexto de Escolarização no Estado de São Paulo	2018	Aline Roberta Tacon Dambros	Universidade Estadual de Maringá	Tese

Fonte: Dalsoto,2018.

Após realizar o estudo dos dados encontrados na publicação de Dalsotto, optou-se por dar continuidade à pesquisa iniciada no Banco de Dados e Teses e Dissertações da CAPES<sup>1</sup>, com o descritor “autismo”.

Esta pesquisa inicial resultou em hum mil trezentos e cinquenta e duas teses e dissertações. Procurei restringir a pesquisa, optando filtrar somente a área do conhecimento da educação e o ano de 2019, obtendo vinte e dois resultados, sendo seis teses e dezesseis dissertações. A seguir os dados resultantes da pesquisa no quadro:

Quadro 2 – Autismo em publicações da Área Educação da Capes em 2019

<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Nível</b>
A integração da comunicação alternativa e ampliada através do protocolo Picture Exchange Communication System PECS® no aumento da frequência de mandos em um aluno com Transtorno do Espectro Autista	2019	Simone Rosa da Silva	Universidade Federal de Pelotas	Dissertação

<sup>1</sup> A CAPES é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação (MEC) do Brasil que atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em todos os estados brasileiros.

Transtorno do Espectro Autista e Intervenção medida por pares: Aprendizagem no contexto da inclusão	2019	Fabiane dos Santos Ramos	Universidade Federal de Santa Maria	Tese
Estudantes com autismo em escolas democráticas: práticas pedagógicas	2019	Julia Gomes Heradao	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Tese
O profissional de Apoio no processo de Escolarização de Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	2019	Christiane Ferreira Duarte	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Dissertação
Lucas, PRESENTE! Por uma inclusão escolar das crianças com Transtorno do Espectro do Autismo que ultrapasse o prescrito nas Políticas Públicas	2019	Deibia Sousa Rodrigues Teixeira	Universidade de Brasília	Dissertação
Fronteiras difusas: um estudo exploratório de fundamentos teóricos contemporâneos sobre o autismo como contribuição à práticas psicopedagógicas	2019	Leticia Morgana Correa Mello	Universidade do Estado de Santa Catarina	Dissertação
Inclusão Escolar e Autismo na Educação Infantil: A participação de alunos com autismo na construção de práticas pedagógicas em turmas de Educação Infantil	2019	Angelina Gabrielle Moreira Ornelas Pereira	Universidade Federal Fluminense	Dissertação
A Inclusão da criança com autismo na Educação Infantil: Compreendo a subjetividade Materna	2019	Sandra Regina de Oliveira	Universidade de Brasília	Dissertação
Histórias e memórias de Práticas educacionais relacionadas as pessoas com autismo em Sergipe (1962-1993)	2019	Walna Patrícia de Oliveira Andrade	Fundação Universidade Federal de Sergipe	Dissertação
Desafios docentes para a constituição do educador inclusivo de sujeitos com	2019	Tania Regina Warpechowsk	Universidade Regional Noroeste	Tese

Transtorno do Espectro Autista (TEA)			do Estado do Rio Grande do Sul	
Formação de professores de Educação Física para educação inclusiva: Práticas corporais para crianças autistas	2019	Jacqueline da Silva Nunes	Universidade Federal da Grande Dourados	Tese
Análise da situação de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista a partir de registro escolar diário	2019	Marina Viana Gonzaga	Universidade Federal de Minas Gerais	Dissertação
A contribuição da ética da psicanálise para educação de alunos com autismo	2019	Izabella Lorryne Santana de Lima	Universidade de Brasília	Dissertação
Eixos de interesse como estratégia para o desenvolvimento da aprendizagem de pessoas com autismo	2019	Júlia Candido Dias Nogueira	Universidade Federal de Alfenas	Dissertação
Práticas educativas e escolarização de alunos com Transtorno do Espectro Autista na Educação Profissional	2019	Simone Pinto Vasconcellos	Universidade Federal de Minas Gerais	Dissertação
Grupo de Orientação a pais de criança com autismo: Contribuições da psicologia para o contexto escolar	2019	Luciane Benvegno Piccoloto	Universidade Federal de Santa Maria	Tese
Ressonâncias autobiográficas em Educação: Narrativas de uma professora-mãe sobre o autismo	2019	Simone de Paula Roche Souza	Universidade Federal de Mato Grosso	Dissertação
Busca de compreensão do desenvolvimento sócio afetivo do adolescente surdo autista a luz da afetividade ampliada	2019	Aldemar Balbino da Costa	Universidade Federal do Paraná	Dissertação
Programa de colaboração docente na educação infantil: a sala de recursos como mediador de desenvolvimento profissional para inclusão	2019	Maciel Cristiano da Silva	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Tese

Autismo, formação de conceitos e constituição da personalidade: uma perspectiva histórico-cultural	2019	Helena Maria Martins da Silva	Universidade de São Paulo	Dissertação
A presença de crianças diagnosticadas com autismo na rede pública de ensino: Expectativas e opiniões de pais, professores e profissionais da saúde	2019	Raelen Brandino Gonçalves	Universidade Federal de São Paulo	Dissertação
Aprendizagem e relações intersubjetivas de crianças diagnosticadas com autismo	2019	Marluce Ferreira Flores	Universidade de Santa Cruz do Sul	Dissertação

Fonte: Produção da autora

A partir desta pesquisa, realizou-se a leitura dos itens destacados no quadro 2 e foi possível identificar que, dos vinte e dois resultados de teses e dissertações sobre o autismo, quatro estavam diretamente ligados à Educação Infantil. Portanto, passou-se a leitura completa dessas quatro publicações para elencar que resultados haviam sido encontrados e como os mesmos poderiam contribuir para responder a questão de pesquisa dessa monografia.

A dissertação de Silva (2019), que é a primeira elencada no quadro 2, analisa a contribuição do protocolo do Sistema de Comunicação por troca de figuras - PECS, na comunicação de uma criança com autismo não verbal inseridas nas Escolas de Educação Infantil Municipal.

Relata a dificuldade de um indivíduo que está limitado, somente em expressões e desejo, por não ter uma comunicação compreensível. A comunicação é uma necessidade para as crianças com TEA, no mundo social, educacional e pessoal. Quando estas crianças são incentivadas de alguma forma, na escola ou em casa, mostram um grande avanço em seu desenvolvimento infantil em diferentes áreas.

Pereira (2019), estando em sétimo lugar no quadro 2, tem como objetivo da sua dissertação pesquisar os desafios de inclusão escolar de alunos autistas, na classe da Educação Infantil, trazendo participação destas crianças na construção do caminho pedagógico.



A autora argumenta que se o TEA não for bem compreendido na etapa de Educação Infantil, pode gerar um grande desapontamento para as crianças autistas. Se a escola não tiver um bom preparo pode acabar prejudicando as mesmas.

Por ser uma etapa fundamental e de grande importância para todos e um momento de ampliação de conhecimento. Salientando que a legislação aconselha que esta etapa de Educação Infantil deve possibilitar o desenvolvimento completo das crianças, garantindo suas aprendizagens.

Oliveira (2019), desenvolveu sua dissertação com o objetivo de compreender aspectos configuracionais constituintes da subjetividade da mãe, ante a experiência materna de uma criança diagnosticada recentemente com autismo e inclusão na Educação Infantil.

Começa ressaltando que a primeira etapa da Educação Infantil, é de extrema importância, principalmente para as crianças com TEA que são inseridas pela primeira vez na escola. Sendo um período de maior aproximação da escola e família, que pode aprimorar o trabalho de ambos com estas crianças, sabendo que para o professor pode ser um momento desafiador.

Oliveira (2019) também apresentou um artigo de Kanner onde defende que uma das possíveis causas desencadeadoras do autismo, era a falta de atenção materna, fazendo com que a criança ficasse fechada em seu mundo.

Acredito que este é um tema de maior debate, mas não seja um ponto certo que a criança que tem TEA seja em decorrência da falta de atenção materna, sendo que de acordo com estudos realizados não se tem algo concreto da causa desta deficiência, salientando que a falta materna possa ter consequências psicológicas na criança, mas que não gera uma deficiência nos mesmos.

Por fim, o último estudo feito do Autismo na Educação Infantil é o de Silva (2019), que objetiva com sua dissertação, planejar, executar e avaliar o processo de colaboração entre professora da sala de recurso e os professores de Educação Infantil para construir práticas pedagógicas para as crianças com autismo.

Mostra que, em 2006, o Ministério da Educação – MEC constituiu a coletânea “Educação Infantil saberes e práticas da inclusão”. Essa documentação foi construída para poder orientar sobre o processo de inclusão na Educação Infantil.

Também foi elaborado outro documento “Brincar para todos”, que ressalta o brincar como elemento necessário de aprendizagem para as crianças. Com este

segundo documento, os profissionais da Educação Infantil poderiam ter outra visão para a realização de brincadeiras com as infâncias, deixando o repetitivo de lado.

Além dos autores citados acima, optou-se por analisar a publicação de um autor do quadro da pesquisa de Dalsotto (2018) com ênfase na Educação Infantil.

Reis (2018) em sua dissertação aborda uma pesquisa de inclusão, com o objetivo de analisar como ocorre a inclusão escolar na Educação Infantil de educandos com Transtorno do Espectro Autista no município de Lages. Em sua pesquisa apresenta as principais características das crianças com TEA, as reflexões e aprendizagens das mesmas.

Tendo em vista todas essas considerações, pode-se dizer que a Educação Infantil ainda é um campo com poucas pesquisas sobre o TEA, de acordo com os números citados acima. A ênfase maior ainda está nos anos iniciais do Ensino Fundamental, porém lembrando que todas etapas são fundamentais e é na Educação Infantil que se inicia a Educação Básica.

Com esses estudos e pesquisas feitas em sequência, o conhecimento da autora se tornou maior, mostrando que alguns autores destacam a existência de várias necessidades (real) para as crianças com TEA: comunicação não verbal, preparo de escola e profissionais para acolher diálogo com a família da criança com TEA, seus medos e subjetividade, a colaboração dos professores com os profissionais da sala de recursos para qualificar as práticas pedagógicas na Escola de Educação Infantil. Quando observamos o real e o ideal para a criança com TEA, percebemos que ainda é um campo que está se desenvolvendo (ideal) a cada dia, mas ainda com grandes lacunas (real) a serem resolvidas.

Assim sendo, este capítulo possibilitou compreender várias nuances de pesquisas de 2019, sobre o TEA. Permitiu, especialmente, conhecer novas estratégias que auxiliam os pedagogos e familiares a compreender melhor as crianças com TEA. Considerando, a importância de se aprofundar nas características, nos suportes pedagógicos, legislação e o autismo entre a inclusão e interação que será apresentado no capítulo seguinte.

### 3. AUTISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Neste capítulo contextualizo o Autismo ou Transtorno do Espectro Autista e suas particularidades. Atualmente o TEA está sendo muito falado entre os profissionais da educação, mas ainda poucos estudos são de conhecimento do grande público. Mesmo nos dias atuais, as causas deste transtorno, giram em torno de hipóteses. Dentre alguns estudos realizados para saber as causas, Ferrari aponta que pode ser por causas genéticas.

Estudos de “genes candidatos”, responsáveis por certas funções fisiológicas cuja disfunção pôde ser balizada no âmbito do autismo. Mutações nesses genes poderiam estar relacionadas à gênese desse distúrbio. Assim, algumas equipes tentaram estabelecer uma ligação entre o autismo e os genes que comandam o metabolismo e o transporte de serotonina. (FERRARI, 2012, p.30)

Ferrari (2012) também expressa que os genes podem sofrer mutações, assim alguns grupos de pesquisadores estão tentando estabelecer a relação do autismo com os responsáveis pelo metabolismo e o transporte da serotonina. A partir disto, o autismo foi surgindo com seus significados mais relevantes.

A palavra Autismo é de origem grega e seu significado é “por si mesmo”. O termo foi utilizado em 1908, pela primeira vez, por Eugene Bleuner, um psiquiatra Suíço. Mas o uso do termo “autismo” intensificou com o Doutor Kanner, em 1943, que o utilizou em um grupo de onze crianças com grandes dificuldades de se comunicar para realizar um estudo, escrevendo um artigo escrito em inglês “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, sendo assim, se tornando uma comunicação para o autismo, o primeiro lugar a ter esse artigo em português foi o site da Associação de Amigos Autistas de São Paulo - AMA.

Em 8 de Agosto de 1983, surgiu a AMA, a primeira associação com pais e amigos de pessoas com autismo no Brasil, incentivando assim a serem criadas novas associações de cada estado. Em Novembro de 1984, foi realizado o primeiro encontro de amigos autistas, estando presentes, diversos profissionais de todas as áreas interessados pelo assunto como: médicos e amigos de pessoas Autistas.

Também foi criada a Associação Brasileira de Autismo – ABRA, em 09 de Outubro de 1988, sem fins lucrativos, sendo a primeira associação de dimensão nacional, com o lema de “União faz a força”.

Os associados da ABRA iniciaram a criação do primeiro congresso Brasileiro de Autismo, e José Ronaldo Fidélis, foi o primeiro presidente e seu mandato foi até 1989.

Em 2007, foi criado o dia da Conscientização do Autismo pela Organização das Nações Unidas - ONU, sendo comemorado em 02 de Abril, tendo como os objetivos principais: conscientização e respeito com as pessoas que têm o TEA. Para comemorar esta data muitos locais públicos, ficam com a cor azul que define o Autismo.

A cor azul, representa que o número de pessoas com TEA é muito maior no sexo masculino. Segundo os dados da Organização Mundial da Saúde - OMS, o autismo é representado por 80% de meninos. O livro “Psicologia das Cores”, de Eva Heller (2013) demonstra que, em alguns contextos, a cor azul representa uma cor distante e fria, encaixando-se assim, em características de comunicação social baixa de crianças com TEA. Como afirma Heller (2013, p. 32) “O azul é a principal cor das virtudes intelectuais. Seu acorde típico é azul e branco. Essas são as principais cores da inteligência, da ciência, da concentração.”

Este mundo azul faz parte da realidade de crianças com TEA, pois muitas famílias, mesmo sendo a fortaleza das crianças com autismo, acabam em vários momentos, pelo preconceito sofrido ou pelos desafios diários que encontram, ficando abaladas. Algumas vezes a relação com familiares acaba rompida pela pouca compreensão dos mesmos sobre o comportamento que a criança apresenta na sociedade.

Definitivamente, o lar jamais será o mesmo com a chegada de uma criança autista. Reestruturações radicais deverão ser feitas para o seu bom desenvolvimento, e para que a harmonia familiar se preserve. É preciso entender que ela olha, sente e percebe o mundo de forma muito diferente da nossa. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p.49)

Algumas famílias acabam colocando esta criança à frente de todas as suas atividades do cotidiano, refletindo sempre se a mesma estará bem e a vontade no espaço que estão, para que seu comportamento não tenha mudanças bruscas.

Além da rotina familiar que se altera com a chegada da criança com TEA, alguns anos atrás, o autismo era diagnosticado somente após os três anos de idade. Hoje já é observado com um olhar mais atento de médicos, de profissionais e dos próprios familiares, por causa de seus sintomas. Este transtorno pode ser observado

desde cedo em algumas crianças, através de características que apresentam, salientando que esta deficiência não tem cura nem medicações.

Segundo a Doutora Lorna Wing (2013, p ,76) “A impressão é de que a criança está fechada dentro do seu mundo particular e não consegue interagir com outras pessoas ou outros objetos”. Como relata a doutora Wing (2013) a criança autista, vive em seu mundo com dificuldades em interagir com quem está a sua volta.

Esta é uma das particularidades das crianças com TEA - dificilmente interage com os outros em grupo – e apresentam mais algumas, como: procuram estar sempre sozinhos; possui uma grande dificuldade de olhar nos olhos quando alguém se dirige para falar com a mesma; não gosta que seja tocado; tem dificuldades em se concentrar; e dificilmente apresenta medo de algo. Mello também indica características voltadas a movimentos físicos:

É comum o aparecimento de estereotípias, que podem ser movimentos repetitivos com as mãos ou com o corpo, a fixação do olhar nas mãos por períodos longos e hábitos como o de morder-se, morder as roupas ou puxar os cabelos. (MELLO, 2007, p.19)

Como relatado acima, mostra-se que a criança com TEA apresenta movimentos repetitivos, ou hábitos de diferentes naturezas que se tornam “normais” no seu cotidiano e acabam fazendo parte da sua identidade. Dentro destes movimentos e atividades rotineiras, algumas crianças conseguem obter alguns avanços relacionados a comunicação e compreensão. Estudos de Teixeira (2013) indicam que metade dos autistas permanecem mudos, porém, alguns conseguem desenvolver pequenas falas e compreender gestos.

A grande maioria dos pacientes autistas não fala, e aproximadamente 50% deles permanecerão mudos pelo resto da vida; entretanto, algumas crianças podem aprender a falar pequenas frases a ser capazes de seguir instruções simples. Muitas vezes, essas crianças realizam uma inversão pronominal, chamando a si próprio de “ele” ou “ela. (TEXEIRA, 2013, p.76)

Grande parte dos autistas tem uma dificuldade comportamental, dependendo do nível de dificuldades e de apoios que necessitam diariamente. Por isso, podem ser classificados como leve, moderado ou médio e grave. No documento da Secretária de Educação Especial -SEESP, existe um alerta sobre essas classificações:

O mais curioso é que, na primeira infância, os quadros, em diferentes graus, são, por incrível que pareça, extremamente semelhantes, confundindo muitos profissionais experientes, tanto no sentimento de subestimar como superestimar as habilidades dessa criança. (BRASIL, 2003, p. 14)

Para compreender cada classificação, passa-se a destacar algumas características dos mesmos. O nível leve é quando a criança apresenta dificuldade nas relações sociais com outras pessoas, apresentando respostas atípicas e dificuldade para troca de atividades.

O nível moderado ou médio é quando a criança apresenta um pouco mais de dificuldade que o nível leve, principalmente em relações sociais, na comunicação verbal e não verbal, sofrendo para mudar o foco das ações.

O nível grave, é o que mais apresenta déficits em relação à comunicação verbal e não verbal, prejuízos em seu funcionamento, extrema dificuldade em lidar com as mudanças comportamentais e de sua rotina.

Estes níveis dependem de cada criança e seu desenvolvimento para poderem ser diagnosticados. Sabendo-se que nem todos os autistas “são iguais e nem todos têm as mesmas características. Uns podem ser mais atentos, uns mais intelectuais e outros mais sociáveis, e assim por diante” (FERREIRA, 2009, p.15).

Ferreira (2009), enfatiza que cada criança com autismo tem sua individualidade, cada um por conta de sua personalidade ou pelo próprio nível da deficiência que está inserido. Enfatizando assim que o autismo está classificado no CID- 10 da OMS. Nele se apresentam outras síndromes relacionadas ao Autismo como: síndrome Rett e síndrome de Asperger.

Segundo os autores Gaiato, Reveles e Silva (2012) quando a família recebe o diagnóstico da criança com autismo, é um momento muito impactante, que transborda milhares de sentimentos juntos, na maioria das vezes, desagradáveis.

Mas o desafio é muito grande principalmente por parte da família, que acabam acomodando sua realidade, não procurando os seus direitos. Às vezes por nem conhecer os mesmos e também em virtude do preconceito ainda ser muito aparente. Como relata Dias (2003), o autismo causa um grande impacto nas famílias, inclusive econômicos, quando não há mais a possibilidade de arcar com os gastos existem serviços de apoio institucional.

O impacto do autismo sobre as famílias é muito grande dos pontos de vista emocional, social e econômico. Pouquíssimas famílias têm condições econômicas de arcar com o custo do tratamento adequado e, para atender as necessidades geradas pelo autismo todas elas dependerão, em algum momento, de algum tipo de apoio institucional. (DIAS, 2003, p.37)

Com a inclusão escolar<sup>2</sup> efetiva-se o direito ao desenvolvimento de todos os indivíduos da sociedade (ideal), proporcionando um acolhimento e aceitação das diferenças (ideal). Porém a garantia de uma educação de qualidade (ideal) pode ser de difícil execução (real), já que os profissionais geralmente não são capacitados para esta realidade (real), tendo pouco apoio pedagógico, psicológico e diferentes suportes pedagógicos em sala de aula (real).

Assim sendo, o TEA ainda é um grande desafio (real) pois os estudos (ideal) até aqui apresentados indicam, ao apresentar as características da criança com TEA, que muitas são as suas necessidades (real) na instituição escolar. E nas páginas a seguir, vamos conhecer um pouco mais sobre os suportes pedagógicos que o professor poderá lançar mão para qualificar sua prática docente junto a uma criança com TEA.

### **3.1 Autismo e o Suporte Pedagógico**

O ambiente de ensino é repleto de estímulos físicos, cognitivos, sensoriais, dentre muitos outros. A etapa da Educação Infantil – creche, é o primeiro espaço institucional escolar em que a criança é inserida, depois da sua família. Ali encontra-se alguns desafios, tanto para a criança, quanto para o docente. Salientando assim, a Lei de Diretrizes e Bases - LDB – artigo 29 – onde identifica-se a primeira etapa da educação básica que serão apresentadas nas páginas a seguir.

Na maioria das escolas de Educação Infantil - etapa creche- as crianças com TEA participam de todas as atividades da rotina escolar, em algumas vezes de forma adaptada para os mesmos por falta de recursos ou por não se adaptarem a ficar no grande grupo. É de conhecimento de todo professor que cada criança é única, porém, a criança com TEA como foi possível perceber nas características apresentadas anteriormente, o barulho, o movimento e, principalmente, a rotina, precisam de um

---

<sup>2</sup> A primeira lei que deu apoio a pessoa deficiente e que permitiu o ingresso as escolas, foi a Lei Federal nº 7.853/1989 (regulamentada pelo Decreto 3.298/1999).

olhar atento e acolhedor dessas diferenças. Portanto, é compromisso daquele responsável por facilitar seu processo de inclusão na instituição escolar, entender suas particularidades e compreender que para estas crianças o mundo é diferente do nosso.

É preciso entender que ela olha, sente e percebe o mundo de forma diferente da nossa. Ela o vê fragmentado, aos pedacinhos. Como se fosse um enorme quebra-cabeça, cujas peças precisam ser encaixadas para que o mundo dela se mostre minimamente parecido com o nosso. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p.48)

A grande dúvida diante disto tudo, de tantas características diferenciadas da criança com TEA e das escolas com suas demandas, é se a escola regular é realmente o lugar ideal para o seu pleno desenvolvimento ou se ainda seria necessário um outro olhar, um outro lugar, um ambiente pensado único e exclusivamente para a criança com TEA que possa atender todas as suas peculiaridades e garantindo que nada ao redor atrapalhe neste processo. Ainda assim, como garantir também a socialização e a formação do indivíduo como cidadão fora da escola regular? Encontra-se aqui dilemas acerca do que é real e do que é ideal tanto para aluno quanto para professor. Barbosa (2006, p.150) ao olhar para etapa creche sinaliza que:

Além dos momentos de cuidados, que são preponderantes nas rotinas de 0 a 3 anos, existe o momento de jogo, de brincadeira com materiais e com o corpo. E, algumas vezes aparece também uma atividade dirigida ou de grupo (denominada atividade pedagógica).

Com esta sinalização de Barbosa, podemos refletir mais sobre como uma professora poderá suprir as necessidades de uma criança com TEA com mais crianças juntas sem diversos suportes pedagógicos, pois a mesma precisa de uma atenção direcionada. Muitas vezes, sem suporte pedagógico<sup>3</sup> o professor poderá desamparar o coletivo da turma, por ter que fazer esta intervenção constantemente. Assim como afirma Cunha (2012, p.100) “não podemos educar sem atentarmos para o aluno na sua individualidade, no seu papel social na conquista da sua autonomia”.

O educador precisa ter como diretriz do seu trabalho a autonomia de todas as crianças, inclusive a criança com TEA. No entanto, é preciso que sejam construídos e

---

<sup>3</sup> Os suportes pedagógicos qualificam a prática pedagógica e podem ser variados contribuindo para uma educação de qualidade. Esse conceito será retomado a seguir.



utilizados suportes pedagógicos para que seu mundo seja sinalizado, e que, com esta sinalização, o docente seja agente da transformação, permitindo a interação entre todas as crianças com o meio de construir um protagonista infantil. Os suportes pedagógicos que poderiam facilitar essa interação e autonomia seriam: a aproximação da família e escola; turmas pequenas; apoio de monitores quando necessário; utilização da comunicação alternativa; disponibilização de recursos e materiais adequados a cada dificuldade que a criança com TEA apresente.

Mostra-se que, a autonomia é muito importante para a criança com TEA, pois permite orientação e cuidados, mas que poderão ser realizados sozinhos, a partir do uso qualificado dos suportes pedagógicos pelo professor na vida escolar de todas as crianças da turma.

Buscando diversos suportes pedagógicos, a criança com TEA juntamente com sua turma será incentivada a participar de diferentes formas. Sendo importante destacar que este ponto é essencial em todos os ambientes, não somente na escola. Toda a criança com TEA deve estar incluída, nunca limitada a não conseguir, a não participar, a não ir, a não poder.

O professor estará preparado para receber uma criança com TEA, se tiver oportunidade de atualizar-se através da formação continuada e da disponibilização pela instituição escolar de suportes pedagógicos que qualifiquem suas práticas, caso não ocorra essa preparação, o primeiro contato com o Autista, poderá acabar prejudicando ambos.

O mediador escolar trabalhará auxiliando a criança na sala de aula e em todos os ambientes escolares, como um “personal trainer”, mediando e ensinando regras sociais, estimulando sua participação em sala, facilitando a interação social dela com outras crianças, corrigindo rituais e comportamentos repetitivos e acalmando o estudante em situações de irritabilidade e impulsividade. (TEIXEIRA, 2013, p.79)

Considerando tais afirmações, a etapa creche na Educação Infantil tem como o objetivo principal a construção da interação entre todas as crianças matriculadas na turma, sejam elas com TEA ou não.

Outro aspecto que poderá ser sinalizado como suporte pedagógico qualificado é a aproximação da escola com a família, pois acaba desenvolvendo laços e criando vínculos entre aquele que cuida, ensina, ajuda e media a aprendizagem e o desenvolvimento em todos os momentos dentro e fora do cotidiano escolar.

Assim, uma prática docente que inclua os sujeitos e suas diferenças exige também uma formação que alcance a concepção de sujeito de nossos tempos através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento racional e científico. Dessa forma seria possível considerar que o trabalho docente é marcado por incongruências, incertezas, e descontinuidades que podem formar o (a) professor (a) tanto ou mais que todo e qualquer esforço de agências destinadas a tal fim. (DINIZ; MARGARETH, 2012, p.14)

Porém, um dos grandes desafios diante das necessidades da criança com TEA apresentadas até o momento (real) poderá estar dentro do ambiente escolar. A falta de preparo do docente (real), mesmo a acolhida básica para receber de maneira correta e eficaz a criança com TEA poderá tornar este período um sacrifício para a própria criança, fazendo com que aquele ambiente não seja agradável, impossibilitando assim o seu desenvolvimento.

Todo o professor que recebe uma criança com TEA, precisa ter conhecimento sobre o caminho desafiador e por vezes, doloroso. Tudo é um aprendizado diário, vendo o seu trabalho ser realizado com grandeza (ideal). E na hora de entregar o registro dessas aprendizagens diárias nas avaliações finais para os familiares, saber que realizou tudo que estava em seu alcance, isso significa em uma sala de Educação Infantil, compreender que o docente participou gradativamente da evolução e crescimento de todas as crianças.

Na maioria das situações, o professor não recebe o suporte pedagógico adequado nas instituições escolares (real). Turmas muito grandes por exemplo, dificultam o trabalho do professor e diminuem o momento de socialização da criança. Outro ponto a ser considerado é a falta de informação e de conhecimento das famílias (real) acerca de seus direitos (ideal) e de suportes pedagógicos que podem requerer à instituição escolar (ideal) para auxiliar neste momento.

O professor interessado pode fazer muito pelas crianças com autismo, mesmo que não seja especialista nessa área. Com amor, dedicação e paciência poderá ganhar a confiança eterna de uma criança. (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p.55)

As famílias estão amparadas por leis que prezam pelo bem estar de todos, disponibilizando para crianças com TEA um monitor (ideal), porém, para ter este auxílio a criança não pode alimentar-se, higienizar-se ou caminhar sozinha (real) pois

as funções do monitor estão direcionadas (por força de normativas internas)<sup>4</sup> a auxiliar a criança e o professor nestas atividades em específico.

### **3.2 Legislação da Educação Infantil e Autismo**

A seguir, faz-se uma reflexão sobre a legislação acerca dos direitos e deveres das crianças, das famílias e do Estado, dando ênfase para o tema da pesquisa. Enfatizando assim, a importância da Educação Infantil no desenvolvimento de cada criança na LDB seção II.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 2010, p.22)

Vale ressaltar também o artigo 30 da LDB, onde destaca a nomenclatura correta de cada etapa da Educação Infantil, salientando o inciso I, especificamente voltado para esta temática.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:  
I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;  
II – pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade. (BRASIL, 2010, p. 22)

A lei da LDB - 9394/1996, por sua vez, busca garantir o atendimento as crianças com necessidades especiais. Desta forma, as crianças com TEA, possuem direito a um currículo diferenciado com o objetivo de atender suas necessidades específicas.

No Brasil, possui o Estatuto da Pessoa com Deficiência – Lei nº 13.146, de 6 de Julho de 2015 - que é destinado à pessoa com deficiência, seja ela qual for, assegurando os seus direitos, a igualdade e a inclusão visando sempre a promoção da cidadania.

---

<sup>4</sup> As leis Municipais de Caxias do Sul nºs 5.747/2001 e 6.403/2005 artigo 24 garantem às crianças com Transtorno do Espectro Autista, monitores, se apresentarem alto grau de dependência no desenvolvimento das atividades escolares, os mesmos auxiliarão no cuidado, na higiene, alimentação e locomoção.

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (BRASIL, 2015, p.08)

O educador juntamente com o sistema educacional possuem como dever de fazer uso de todo e qualquer meio necessário para garantir o desenvolvimento pleno da criança com TEA.

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação. (BRASIL, 2015, p.19)

Também na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência se destaca o artigo 28, que é tarefa do Estado:

II - aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena; (BRASIL, 2015, p.20)

Visando o desenvolvimento da criança com TEA de forma plena e a sua real inclusão, as práticas pedagógicas pensadas de forma diferenciada deixam de ser uma opção e passam a ser uma exigência pela própria legislação. Não é somente dever do professor incluir a criança da melhor forma possível, mas é direito de todas as crianças e dever da escola.

A Lei nº 12.764/2012 que Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista assegura à criança o direito à Educação em todos os níveis de ensino. De fato, garantir a ela esta educação (ideal) não é uma tarefa fácil, considerando a falta de profissionais qualificados, o número alto de crianças por sala de aula e a falta de consolidação de conhecimentos acerca do tema (real). O que ajuda na reflexão dos professores a respeito do assunto é conhecer exemplos de práticas pedagógicas que deram certo em contextos específicos com práticas reais de inclusão.

Apesar de, na teoria, o direito à educação ser garantido a tais crianças, na prática, observamos que muitas das escolas que se propõe a um projeto de inclusão escolar ainda falham pelo despreparo dos profissionais e, por vezes, também pelo descaso com tais alunos (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012, p.233)

Como relata Silva; Gaiato; Reveles (2012), os direitos são garantidos mas estão longe de estarem colocados em prática, sendo que muitas instituições escolares ainda falham com suas crianças que apresentam uma deficiência.

Algo que precisa ser destacado é a existência do Plano de Desenvolvimento Individual – PDI<sup>5</sup>. Esse documento, apresenta que as crianças com TEA têm o direito de um currículo individualizado, observando as condições de cada especificidade. Este plano é amparado pelas leis 13146/2015 e 9394/1996 citadas anteriormente. Outro suporte pedagógico que pode ser listado é garantir que a necessidade das crianças com TEA sejam atendidas.

O PDI tem como finalidade que as crianças com TEA tenham um suporte inerente, que os planos aplicados à turma seja um e para eles outro, para que tenham um melhor desenvolvimento.

Podemos observar que na legislação não há uma forma específica (ideal) de os docentes ensinarem às crianças com TEA. Mas a educação é um direito de todos (ideal), e as leis devem ser seguidas (ideal), para que todos os alunos possam estar em convívio escolar sem ser prejudicado (ideal) de forma nenhuma, em todas as etapas da educação, assim como na etapa da Educação Infantil – creche- onde os professores buscam incentivar constantemente os alunos e estarem sempre ajudando-os e apoiando as crianças com TEA, mas realizam os mesmos trabalhos que as outras crianças, porém cada qual em seu tempo, e procuram realizar o melhor mesmo não tendo os suportes pedagógicos adequados.

---

<sup>5</sup> O Plano de Desenvolvimento Individual é um instrumento que tem como finalidade adaptar o currículo escolar às necessidades dos alunos de inclusão escolar.

### 3.3 Autismo entre a Interação e Inclusão

Para podermos compreender o que é uma criança com TEA estar inserida ou incluída em um ambiente escolar, primeiramente vamos compreender o que é cada um destes atos.

Inserir uma criança com TEA em um local, significa “colocá-la” sem que neste haja mudanças. E incluir neste mesmo local, este tem que se adequar da melhor forma possível para o mesmo, criando assim as condições necessárias para ela. Lembrando que a inclusão é um direito do cidadão, garantido pela Lei nº 13146/2015 para as crianças com necessidades especiais.

Considerando que pessoas com deficiência já enfrentam dificuldades desde muito cedo precisando se adaptar à sociedade e ao que já existe, nela podemos ver a interação como um esforço unilateral. Elas precisam se adaptar a estruturas de ambientes bem como a escola que muitas vezes não possui a estrutura adequada para recebê-los.

Conforme estudos realizados com base na Constituição Federal de 1988, a inclusão é um processo complexo que envolve a sociedade como um todo, pois é a sociedade, o mundo que precisa mudar sua cultura, a fim de possibilitar o atendimento das necessidades de todos, tornando assim os direitos verdadeiramente iguais.

Dessa maneira, trata-se de entender como a inclusão passou a ser a grande potência moderna e contemporânea abarcadora e ressignificadora das demais práticas. Para tanto, pensamos ser importante entender melhor o próprio cenário político e econômico que determina a emergência da inclusão para depois, abordá-la como uma estratégia educacional para atingir a todos. (LOPES, 2013, p.60)

É preciso que ocorra uma grande mudança e ruptura no sistema cultural para, a partir daí, ocorrerem as mudanças e transformações necessárias para que não seja comum tratar as pessoas com deficiência de maneira diferente, mas sim, igualitária. Na inserção, a criança deve adaptar-se às regras; na inclusão são as regras que se adaptam à criança. A autora Mantoan (2003), afirma a importância da inclusão no ambiente escolar.

[a] escola se entupiu do formalismo da racionalidade e cindiu-se em modalidades de ensino, tipos de serviço, grades curriculares, burocracia.

Uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saída para que a escola possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam. A inclusão, portanto, implica mudança desse atual paradigma educacional, para que se encaixe no mapa da educação escolar que estamos retraçando. (MANTOAN, 2003, p.12)

Como Mantoan (2003) salienta, as escolas estão com muitas burocracias, e com isso está ocorrendo uma grande ruptura na organização, mostrando que a inclusão implica mudanças nos paradigmas educacionais, para que a educação possa assim ser reformulada. Compreendendo o significado dos termos acima, podemos destacar que a criança atualmente está mais inserida do que inclusa na Escola de Educação Infantil, o que infelizmente acaba causando danos, para as crianças com deficiência.

#### 4. RESULTADO DA INVESTIGAÇÃO

Este capítulo descreve os dados construídos a partir da análise dos questionários realizados com uma coordenadora Pedagógica de uma escola de Educação Infantil da rede Municipal de Caxias do Sul/Rio Grande do Sul; e com um familiar de uma criança com TEA que está inserida nesta escola. Foram realizados dois questionários, os mesmos estarão disponíveis no apêndice A e B. O primeiro contemplou onze questões, sendo três objetivas e oito dissertativas. O segundo questionário é composto por nove questões, sendo uma objetiva e oito dissertativas. Os dois questionários apresentam questões acerca da educação e inclusão de crianças com TEA, tendo como base convicções de que a pesquisa qualitativa pode compor um corpus de dados sobre interpretação a realidade, conforme proposto por Minayo:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1995, p.21-22)

Dentro da pesquisa qualitativa, optou-se pelo estudo de caso proposto por Robert Yin (2001), da leitura do contexto específico pela análise de dois questionários respondidos pela coordenação de uma escola municipal e por familiares desta escola.

Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando questões do tipo “como” e “por que” quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. Pode-se complementar esses estudos de casos “explanatórios” com dois outros tipos- estudo “exploratórios” e “descritivos”. Independentemente do tipo de estudo de caso, os pesquisadores devem ter muito cuidado ao projetar e realizar estudos de casos a fim de superar as tradicionais críticas que se faz ao método. (YIN, 2001, p.19)

Ressalta-se que as etapas do estudo de caso, inspiradas no estudo proposto por Yin (2001) seguidas nesse trabalho foram: (I) análise dos dados da instituição; (II) realização de questionários; (III) criação de categorias de análise dos questionários; (IV) análise dos questionários; e (V) explicitação dos resultados. As etapas descritas



nos subcapítulos a seguir permitem compreender de forma qualificada as possíveis respostas para a questão principal dessa investigação que aborda as necessidades da criança com TEA, na Educação Infantil – creche- quando o professor não tem suporte pedagógico.

#### **4.1 Contexto da Instituição Investigada**

A instituição pesquisada está localizada em um bairro carente da Cidade de Caxias do Sul/ Rio Grande do Sul, em um espaço amplo sem muitos recursos. A escola municipal possui duas crianças com deficiência em turmas distintas, mas na mesma faixa etária, sendo dois meninos autistas. A instituição recebe matrícula de crianças de diversos bairros da cidade, com o foco maior da região Oeste de Caxias do Sul, configurando uma categoria de escola de porte grande com um total de 146 crianças matriculadas.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico - PPP (2019) da escola, a Educação Inclusiva compreende que todas as pessoas com deficiência têm direito a escolarização, tratando-se de uma educação voltada para formação completa e livre de preconceitos, reconhecendo a diferença e dando o seu devido valor. Para que a mesma aconteça, a criação de redes de apoio aos educadores é fundamental. Comprometida em oferecer vivências, experiências e desafios diferenciados no PPP a escola registra que possibilitar as conquistas e o desenvolvimento de habilidades para que as crianças consigam fazer o uso de suas aptidões, desenvolvendo-se como um todo.

As turmas, em que estão os dois meninos com TEA, uma sala tem 14 crianças na faixa etária de 3 anos com uma professora e a outra, 15 crianças com uma professora, nenhuma das duas salas possui cuidadores, monitores ou outros suportes pedagógicos para auxiliar as educadoras. Os dois têm 3 anos e 6 meses.

Segundo o Conselho Nacional de Educação as turmas de maternal II, com a faixa etária de 3 anos até 3 anos e 11 meses, podem ter no máximo 16 crianças com o espaço de 1,20 m<sup>2</sup> por criança e uma professora. Se a sala possui uma criança com deficiência como TEA, e a mesma se locomove, se alimenta e faz sua higiene sozinha, não precisa de monitor mesmo que a turma não seja reduzida.

Apresentando todos esses aspectos da instituição, foram elaboradas as categorias que serão apresentadas a seguir.

## **4.2 Etapa de Construção dos questionários**

Os questionários realizados foram elaborados dando-lhes ênfase para os temas de educação e inclusão. O primeiro questionário conta com onze questões sendo três objetivas e oito dissertativas, que foram respondidas pela coordenação de uma escola Municipal de Caxias do Sul. O segundo questionário tem nove questões, uma objetiva e oito dissertativas respondidas pela família de uma criança com TEA que está inserida nesta escola. Para realização do mesmo, teve-se um olhar para as necessidades da criança, se elas são contempladas e atendidas e se os professores têm o suporte pedagógico necessário para atender as mesmas. Os questionários estarão no apêndice A e B, desta pesquisa.

O primeiro questionário, contempla as questões que versaram sobre os seguintes elementos: idade; formação; local de trabalho; rotina da criança com TEA; Adaptação; organização da escola na adaptação da criança com TEA; apoios oferecidos e os que poderiam ser; formação mínima dos professores; orientações dos planejamentos; estratégias usadas pela escola para realizar a inclusão; parceria com outros profissionais; aspectos registrados sobre inclusão.

O segundo questionário, abrange as seguintes perguntas: idade; adaptação na escola; após o período de adaptação a participação da criança na escola; rotina diária na escola; reflexos da interação no comportamento; relação da escola com a criança; desenvolvimento antes e depois da escola; importância da parceria escola com outros profissionais; diálogo da família e escola.

## **4.3 Categorias de Análise**

Para a criação das categorias de análise, foi realizada a leitura das respostas dos questionários. Depois disso foram criados dois quadros, um do questionário I e outro do questionário II. Os dois quadros contam com três colunas, sendo que na primeira estão as palavras chave; na segunda, as respostas obtidas; e na terceira, um

comentário sobre a mesma, enfatizando que os quadros estão nos apêndices C e D. Em seguida, através da seleção das palavras chave foram formadas seis categorias de análise dos questionários, sendo estruturadas da seguinte forma: I- Perfil dos entrevistados; II Adaptação; III Rotina; IV Reflexões/Interação/Desenvolvimento; V Relação família escola; VI Outros profissionais.

#### **4.4 Aprofundamento das Categorias de Análise**

A partir das respostas dos entrevistados e da construção das categorias, optou-se pelo aprofundamento das categorias de análise. A primeira categoria apresenta o “perfil das entrevistadas”. As entrevistadas têm entre 30 e 40 anos. A coordenadora pedagógica é uma das entrevistadas e atua em uma escola da rede Municipal. Ela não possui ensino superior completo, mas está cursando. Para refletirmos: sobre o perfil é possível identificar que a coordenadora é responsável por dar todo o suporte pedagógico aos professores. Talvez deveria ser como uma exigência que a mesma tivesse o ensino superior completo, para que este auxílio pudesse ser realizado de uma forma mais ampla, especialmente na proposição qualificada de formação continuada atuais sobre o tema.

A segunda categoria “*Adaptação*” enfatiza que nesta escola ocorrem as adaptações de todas as crianças matriculadas, mas para uma criança com TEA a escola procura conhecê-la ao máximo e este período é realizado conforme a necessidade da mesma, em contato constante com a família para que se sintam seguros. Os familiares desta criança, quando responderam ao questionário, relataram que a adaptação é mais difícil para eles mesmos do que para a própria criança, pois acabam tendo medo da interação com os colegas. Após este período, a família notou que a criança com TEA gosta de estar na escola e demonstra não querer ficar em casa, além de muito carinho pela sua professora.

A terceira categoria “*Rotina*” mostra que a escola segue uma rotina definida pela equipe de professores juntamente com a direção. Mas o que é a rotina? Para Barbosa (2006, p.35)

Rotina é uma categoria pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil. As denominações dadas à rotina são

diversas: horário, emprego do tempo, sequência de ações, trabalho dos adultos e das crianças, plano diário, rotina diária, jornada, etc.

Salienta-se que esta rotina deve ser seguida, para que a criança possa criar um vínculo maior com seu professor e colegas, observando que, com a mesma, a criança melhora seu comportamento, sua socialização com as outras, alimentação e seu desenvolvimento apresentando uma nítida melhora. Barbosa também afirma (2006, p.37):

As rotinas podem ser vistas como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia-a-dia, tendo como objetivo a organização da cotidianidade. São rotineiras atividades como cozinhar, dormir, estudar, trabalhar e cuidar da casa, reguladas por costumes e desenvolvidas em um espaço-tempo social definido e próximo, como a casa, a comunidade ou local de trabalho. É preciso aprender certas ações que, com o decorrer do tempo, tornam-se automatizadas, pois é necessário ter modos de organizar a vida.

Assim, como citado acima, estas rotinas são de extrema importância para estas crianças, principalmente com TEA, pois, quando sua rotina muda, demonstram mudanças negativas em seu comportamento.

Após o período de adaptação, quando a criança já se habituou com a rotina escolar, a família relata fatos positivos, como: Estar mais atento, comportado, escutando mais os familiares e mais calmo ao sair para outros locais, melhorando seu comportamento diário e que, durante este período, a criança desenvolveu mais sua fala, sua parte cognitiva e afetiva.

Crianças e adultos com autismo apresentam dificuldades na aprendizagem da habilidade de orientação social, no desenvolvimento de habilidades como a atenção compartilhada (prestar atenção à mesma atividade ou ao tópico que outra pessoa está prestando) e o compartilhar experiências emocionais com os outros. (SANTIAGO; TOLEZANI, 2011, p.14)

A quarta categoria “*Reflexões/Interação/Desenvolvimento*” destaca que os docentes desta escola não possuem um curso específico para atuar com as crianças com deficiência. São orientados a observar a criança e qualquer situação entrar em contato com a família. Os professores planejam as atividades para todos da mesma forma, mas respeitando as particularidades de cada um.

Existe o PDI, plano de desenvolvimento individualizado, que busca aprimorar os conhecimentos das crianças com deficiência ao destacar as potencialidades frente

às competências e habilidades exigidas da turma naquele ano escolar, previsto no currículo escolar oficial.

Vygotsky (1987, p.286) afirmava que “a aprendizagem se dá na infância, pela troca com os pares, nessa troca as crianças vão desenvolvendo a sua zona de desenvolvimento.” Mas sabemos que a criança com TEA possui dificuldade na sua interação com as outras, fazendo então com que a professora procure diferentes métodos, atendendo as necessidades específicas da mesma para que ela sempre possa se desenvolver.

Como observamos nos capítulos anteriores, na legislação consta que as crianças com TEA tem direito a um planejamento diferenciado e individualizado. A LDB – 9394/1996, assegura este direito para as mesmas. Para que esta lei seja seguida de forma correta é necessário que os suportes pedagógicos estejam presentes no ambiente escolar sendo necessário o apoio de monitores quando e a disponibilização de recursos e materiais adequados.

Quanto a quinta categoria “*Relação família escola*” ressalta que a família e a escola devem estar em constante comunicação para melhor desenvolvimento da criança, estar presente em tudo para que possa ajudar a mesma em todos os seus aspectos. Os familiares relataram estarem satisfeitos com a escola, pois os professores e coordenação são bem atenciosos, procurando estar sempre em contato por telefone ou pela agenda.

Em princípio o mais recomendável é que a família mantenha proximidade com, inteirando o professor das informações que se fazem necessário para o aluno, e colaborando com a aprendizagem, por meio de estimulação também fora do ambiente escolar. (LOURO, 2012, p.53).

Assim, a família deve estar presente fora do ambiente escolar também, estimulando sempre a criança com TEA, para que esta aprendizagem não seja só neste ambiente mas sim em todos os lugares que está presente.

A sexta categoria “*Outros Profissionais*” salienta que a escola também possui suporte de outros profissionais, como assessoria pedagógica, psicólogos e professores do AEE, para que a criança possa ser e se sentir inserida no ambiente escolar, apresentando desenvolvimento social. Com todo esse apoio que a escola tem, a família se sente amparada por ter a ajuda destes profissionais de forma gratuita, sendo que muitas destas não teriam condições financeiras para tal atendimento.

Considerando o aprofundamento das categorias de análise, pode-se perceber que o contato da escola e família é muito importante para as crianças com TEA. Depois de ter avaliado todas as respostas e relatos dos pais e coordenação, nota-se que mudanças positivas (real) ou que ainda poderiam ser melhoradas (ideal) ocorrem nesse contexto, ainda que a realidade vivida dentro desta escola (real), insere a criança mais do que é incluída na sociedade escolar (ideal).

Partindo deste ponto, pensamos novamente se a realidade da escola atende as necessidades para a criança com TEA e como ela se sente neste espaço. Enfatizando que todos somos diferentes e que, cada individualidade, pode e deve ser valorizada. Nenhuma pessoa precisa disfarçar sua deficiência ou limitação e os demais devem aprender a ser, fazer, estar e conviver com ela no seu dia-a-dia.

É o que diz no Relatório Delors (UNESCO, 1998) sobre as necessidades de uma aprendizagem que se apresenta em quatro pilares que são eles: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser. Com base no conhecimento se prevê grandes consequências na educação.

Incluir é totalmente diferente de inserir a criança com TEA no ambiente escolar. Ela deve ser feliz neste ambiente, priorizando assim o seu desenvolvimento individualizado frente do coletivo.

Ao estudar legislações e diferentes aprofundamentos teóricos, elencamos as principais necessidades das crianças com TEA, confirmadas pelo aprofundamento das categorias analisadas. São elas: a família deve estar sempre envolvida; participar de todas as atividades da forma como consegue; que sua rotina não seja mudada; dentre outras.

Também identificamos os principais suportes pedagógicos confirmados pelo aprofundamento das categorias de análises: o vínculo da família e da escola; o auxílio de outros profissionais para as crianças com TEA; a importância da rotina no ambiente escolar e que os suportes pedagógicos são extremamente necessários para os professores.

Diante dessa síntese e retomando o problema da pesquisa proposto nessa monografia é possível marcar que se todos os profissionais da Educação Infantil – creche- tivessem todos os suportes pedagógicos necessários a educação seria de uma qualidade ainda maior, tanto para a criança com TEA, quando para a turma que

frequenta. Salientando que os professores fazem o possível para que este ambiente seja agradável e de uma aprendizagem ainda melhor para todas as crianças.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou que fizesse uma análise sobre as crianças com TEA na creche, destacando o que é real e ideal para as mesmas. Partindo deste pressuposto, pode-se constatar que a criança com TEA na escola é um fato muito mais desafiador para a família do que para ela mesma. Também é um desafio para a instituição escolar devido a necessidade da criança com TEA e suporte pedagógico disponibilizado.

Dada a importância do assunto, foram apresentados vários recursos em relação ao TEA, desde os suportes pedagógicos que ainda estão mais restritos, principalmente no que se trata de monitores. Fica como sugestão que este assunto continue sendo pesquisado pelos próximos acadêmicos do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Para responder ao problema de pesquisa proposto: Quais são as dificuldades no espaço da creche, para a criança com TEA e seus colegas, quando não há suporte pedagógico de monitores aos professores no cotidiano escolar? Optou-se por; em um primeiro momento realizar a continuidade da pesquisa de Dalsotto (2018) observando publicações do ano de 2019, no Banco de Tese e Dissertações da CAPES. No geral há muitas publicações, mas poucas direcionadas à Educação Infantil, mostrando ainda ser uma área pouco pesquisada.

A partir deste estudo, foi possível observar que o TEA é uma deficiência que está afetando bastante crianças, sobretudo meninos, sem apresentar curas e medicamentos. Mas com acompanhamentos direcionados, sua qualidade de vida melhora de forma significativa. Enfatizando que a legislação vigente muitas vezes não é conhecida pelos familiares e, por falta deste conhecimento, não buscam seus direitos da forma que poderiam. Sendo assim, algumas instituições escolares acabam por não segui-las da forma que deveriam.

Um dos principais problemas encontrados através deste estudo, é perceber que os professores não contam com um suporte pedagógico adequado, sendo que deveriam ter uma formação continuada para estarem preparados a lidar com o dia-a-dia da docência em uma turma de Educação Infantil – etapa creche- com tantas diversidades e serem contemplada, como por exemplo o TEA.



Por fim, a análise de categorias foi construída a partir de questionário com coordenadora pedagógica de Educação Infantil, que atua com uma criança com TEA e com a família da mesma. A partir do aprofundamento da análise, pode-se refletir que a família está muitas vezes, mais insegura que a própria criança. Já a escola, mesmo sem adequações suficientes, como suportes pedagógicos de qualidade procuram desenvolver ações para que esta criança se sinta bem nesse ambiente.

Tendo em vista o que foi discutido até aqui, concluo que a criança com TEA não deve estar apenas inserida (real) na escola, mas sim incluída (ideal) na mesma, pois estando em escolas regulares apresentam um desenvolvimento significativo em seus aspectos sociais, afetivos e cognitivos.

As necessidades das crianças com TEA na Educação Infantil- etapa creche- foram elencadas nesse estudo e apontam que sem suporte pedagógico adequado, vários professores da escola regular atenderam somente parte das reais necessidades dessa criança, ou seja, não é possível, garantir parte do ideal de direito a educação. É preciso lutar para garantir o direito a educação de todas as crianças.

## 6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria C.S. **Rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre. Ed. Artmed, 2006.

BRASIL, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 6 de julho de 2015. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)> Acesso em 01 de jun. 2020.

CRUZ, Deusina. Lopes. **Um autista muito especial**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 5.ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2014.

DALSOTTO, Leandra Beatriz. **A inclusão da criança autista na Educação Infantil: Problemas e Dilemas**. Caxias do Sul, 2019.

DELORS, Jacques (coord.). **Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. Tradução de José Carlos Eufrazio. São Paulo: Cortez Editora. Brasília: Unesco, 1998.

DINIZ, Margareth. **Inclusão de pessoas com deficiências e/ou necessidades específicas: avanços e desafios**. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 2012.

FERRARI, Pierre. **Autismo infantil: O que é e como tratar**. 4.ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

FERREIRA, Joana Cristina Paulino. **Estudo exploratório da qualidade de vida de cuidadores de pessoas com perturbação do espectro do autismo**. Porto, 2009. Dissertação (Monografia em Educação Física); Faculdade de Desporto; Universidade do Porto, 2009.

FONSECA, Bianca. **Mediação escolar e autismo: a prática pedagógica intermediada na sala de aula**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

FOSCHIERA, Rogério. **Inclusão e Autenticidade**. Canoas: Salles, Uniassalle 2008.

GAIATO, Mayra. **S.O.S. Autismo: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista**. 3 ed. São Paulo: nVersos, 2019.

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. **O reizinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis**. 3 ed. São Paulo: nVersos, 2019.

GAUDERER, Ernst Christian. **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: Guia Prático para profissionais e pais**. 2.ed. Revista e ampliada, Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 1997.

GRANDIN, Temple; PANEK Richard. **O Cérebro Autista**. 1.ed. Rio de Janeiro. Ed. Record LTDA, 2015.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. 1.ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

LOPES, Maura Corcini. **Inclusão e Educação**. Belo Horizonte. Ed Autêntica, 2013.

LOURO, Viviane. **Fundamentos da aprendizagem musical de pessoas com deficiência**. São Paulo: Som, 2012.

MANTOAN, Maria. **Inclusão Escolar, O que é? Por que? Como Fazer?** Editora Moderna, 2003.

MAZZOTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas**. 5.ed. São Paulo. Cortez, 2005.

MELLO, Ana Maria S. R. **Autismo: guia prático**. 7.ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

MELLO, Ana Maria S.R; ANDRADE, Maria América; CHEN Ho, Helena; DIAS, Inês de Souza. **Relatos do Autismo no Brasil**. 1.ed. São Paulo: AMA; 2013.

MINAYO, M. C. S. (organizadora) – **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade** - Petrópolis: Vozes, 1995.

MOTA, Eliana Rodrigues Boralli. “Olhares e saberes educacionais da Associação dos Amigos da Criança Autista - AUMA: limites e possibilidades em uma perspectiva interdisciplinar”. **Capes Catálogo de teses e dissertações**. 2018. Disponível em <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=6971249](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6971249)> Acesso em: 30 de Maio de 2020.

REDMERSKI, Monalisa de Oliveira Miranda. “Desenvolvimento e Aprendizagem de Alunos com Autismo em Sala de Aula”. **Capes Catálogo de teses e dissertações**. 2018. Disponível em <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=6307676](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6307676)> Acesso em: 30 de Maio de 2020.

SANTIAGO, Juliana; TOLEZANI, Mariana. **Encorajando a criança a desenvolver habilidades no programa Son-Rise**. Revista Autismo nº 01, p. 14-16, 2011. Disponível em < <https://issuu.com/revistaautismo/docs/001> > Acesso em: 28 de Maio de 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo Singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2012.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual dos transtornos escolares entendendo os problemas de criança e adolescente na escola**. Rio de Janeiro. Ed. Best Seller LTDA, 2013.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

YIN, Robert K. **Planejamento e Métodos**. 2.ed. Porto Alegre. Ed: Bookman, 2001.

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DA COORDENAÇÃO

TERMO DE ACEITE - Aceito participar da pesquisa sobre autismo na creche: entre o real e o ideal, sob orientação da Profa. Dra. Cristiane Backes Welter, da Universidade de Caxias do Sul - UCS. A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar quais as necessidades das crianças com autismo na etapa creche, durante a realização das atividades propostas por professores sem o suporte pedagógicos. Para o desenvolvimento desta pesquisa será utilizada a Metodologia Qualitativa com ênfase no Estudo de Caso, proposto por Robert Yin. Ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa acima citada, concedo a anuência para o seu desenvolvimento, desde que sejam assegurados os requisitos abaixo: \*

O cumprimento das determinações éticas do CNS/CONEP, Resolução N°. 510, de 07 de Abril de 2016; \* A garantir de solicitar e receber esclarecimento antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa; \* A garantia de que não haverá nenhuma despesa que seja decorrente da participação da pesquisa. No caso de não cumprimento dos itens acima, tomo a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalidade alguma.

- 1) Quantos anos você tem?
- 2) Qual a sua formação?
- 3) Em qual escola você trabalha atualmente?
- 4) Qual é a importância da rotina diária para a criança com Transtorno de Espectro Autista na escola?
- 5) Como a escola se organiza na adaptação de uma criança com Transtorno de Espectro Autista?
- 6) Que apoios são oferecidos para as crianças autistas na escola? Além dos que são oferecidos, que outros poderiam ser?
- 7) Quais as formações mínimas que os professores devem ter para atuar junto as crianças com Autismo?
- 8) Quais são as orientações para os professores quanto ao planejamento para as crianças com Autismo?
- 9) Que estratégias a escola usa para realizar a inclusão?

10) Qual é a importância da parceria entre escola e outros profissionais como: fonoaudióloga, psicóloga dentre outros, para o desenvolvimento da criança Autista?

11) Que outros aspectos você gostaria de registrar sobre a inclusão na Educação Infantil?

## APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DA FAMÍLIA

TERMO DE ACEITE - Aceito participar da pesquisa sobre autismo na creche: entre o real e o ideal, sob orientação da Profa. Dra. Cristiane Backes Welter, da Universidade de Caxias do Sul - UCS. A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar quais as necessidades das crianças com autismo na etapa creche, durante a realização das atividades propostas por professores sem o suporte pedagógicos. Para o desenvolvimento desta pesquisa será utilizada a Metodologia Qualitativa com ênfase no Estudo de Caso, proposto por Robert Yin. Ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa acima citada, concedo a anuência para o seu desenvolvimento, desde que sejam assegurados os requisitos abaixo: \*

O cumprimento das determinações éticas do CNS/CONEP, Resolução N°. 510, de 07 de Abril de 2016; \* A garantir de solicitar e receber esclarecimento antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa; \* A garantia de que não haverá nenhuma despesa que seja decorrente da participação da pesquisa. No caso de não cumprimento dos itens acima, tomo a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalidade alguma.

- 1) Quantos anos você tem?
- 2) Como foi a adaptação do seu filho na escola?
- 3) Após o período de adaptação você percebeu a participação do seu filho na escola?
- 4) Qual a importância da rotina diária para o seu filho na escola?
- 5) Quais reflexos você percebe da interação no comportamento do seu filho?
- 6) Como você percebe a relação da escola com seu filho?
- 7) Como você percebe o desenvolvimento do seu filho antes e depois da escola?
- 8) Qual é a importância da parceria entre escola e outros profissionais como: fonoaudióloga, psicóloga dentre outros, para o desenvolvimento da criança autista?
- 9) Como acontece o diálogo de vocês família com a escola visando a inclusão e o desenvolvimento do seu filho?

## APÊNDICE C - QUADRO DAS RESPOSTAS DA COORDENAÇÃO

Categoria	Fala	Comentário
1 - Idade	Entre 30 e 40 anos	
2- Formação	Ensino superior incompleto	Acredito que por se tratar de coordenação deveria ter uma "exigência" de ter um curso superior completo.
3- Escola / Trabalho	Publica Municipal	
4-Rotina/ TEA	Para que esta criança crie um vínculo com sua educadora, seus colegas e os demais da escola e assim se sinta parte da mesma.	A rotina é sempre importante.
5- Adaptação	Tentar conhecer no máximo a criança, e faz a adaptação no tempo dela.	Importante estar no tempo da criança.
6 – Apoio oferecido	Temos uma assessoria pedagógica, com pedagogo, psicóloga e uma professora de AEE.	Auxiliam as professoras, e a coordenação.
7- Formação / Professor	Como esta criança age em determinadas situações, conversando com a família.	Sem um curso específico para atuar com essas crianças.
8- Orientação /Planejamento	Que planejam para todas as crianças as mesmas coisas respeitando suas particularidades.	Será que a criança com autismo deveria ter um planejamento individual.
9- Estratégias	Procura realizar as mesmas atividades propostas para todos.	Lei 9394 currículo diferenciado, buscando garantir a necessidade e individualidade de cada aluno.
10- Diferentes profissionais	Extremamente importante para um desenvolvimento como um todo.	Dias, algumas famílias não tem condições de recursos
11- Aspectos Inclusão	Estarmos sempre nos aperfeiçoando para que possamos receber e acolher estas crianças.	Os professores tentam fazer o possível para as crianças se sentirem bem.



## APÊNDICE D - QUADRO DAS RESPOSTAS DA FAMÍLIA

Categoria	Fala	Comentário
1-Idade	Entre 30 e 40 anos	
2- Adaptação	A adaptação da criança, foi mais simples que a da família. Pois tínhamos medo de como ele e os colegas iriam interagir.	A família é mais insegura que a criança.
3- Após a adaptação	Sim ele relata gostar muito da professora e quando questionado sempre fala que gostaria de ir para escola ao invés de ficar em casa.	O carinho da professora e colegas faz com que ele goste de estar neste ambiente.
4- Rotina	Melhorou o comportamento em casa e a socialização com as outras crianças. Está comendo melhor e se expressando melhor.	Está se desenvolvendo cada dia mais.
5- Reflexos/interação	Está mais atento e comportado. Escuta mais quando eu falo com ele. Se comporta melhor quando saímos passear.	Melhorou seu comportamento diário.
6- Escola/Família	Sempre são muito atenciosos e cuidados com ele, todas as professoras e diretora.	Os professores demonstram bastante carinho.
7- Desenvolvimento	Desenvolveu melhor a fala, as brincadeiras e também na alimentação.	Está desenvolvendo cada parte cognitiva.
8- Parceria	Com o trabalho de todos, a criança desenvolve todas as possibilidades mais facilmente. Cada profissional auxiliando na sua parte o meu filho fala melhor, come, brinca e aprende melhor.	O auxílio destes profissionais é muito importante para a família.
9- Diálogo família escola	Nos falamos por telefone, agenda e quando levo ele na escola. As professoras são muito atenciosas com a gente principalmente com meu filho.	Bons meios de comunicação, para que possam estar sempre envolvidas.